

Gamma

Organização estadunidense apoia as lutas cubanas

Quando altruísmo é mais do que uma palavra

Nuria Barbosa León / Foto: Orlando Perera (cortesia ICAP)

• **DESAFIANDO** as ameaças feitas pelo governo dos Estados Unidos para desacreditar Cuba, em sua condição de país seguro, membros da Organização Não Governamental estadunidense Code Pink visitaram a Ilha caribenha, mostrando sua recusa à política hostil da Casa Branca.

Perante representantes da mídia de Cuba, reunidos na sede do Instituto Cubano da Amizade com os Povos (ICAP) em Havana, os ativistas políticos rejeitaram o criminal bloqueio econômico, comercial e financeiro dos EUA à Ilha maior das Antilhas, pronunciaram-se pelo fechamento da ilegal base naval na província de Guantánamo e pelo normal desenvolvimento das relações diplomáticas entre ambos os países.

Code Pink, surgiu em 17 de novembro de 2002, seu nome responde a um jogo de palavras que dá uma alternativa pacífica (cor roxa) perante as alertas bélicas nos Estados Unidos, estabelecidas como códigos laranja e vermelho. Esta organização trabalha para pôr fim às guerras imperiais e colonizadoras, o fim do militarismo, a conservação do meio ambiente e pelo uso do dinheiro destinado à carreira armamentista no desenvolvimento social dos povos.

Sua líder, Medea Benjamín considerou uma ironia que o Departamento do Estado de seu país circule avisos àqueles que pretendem viajar a Cuba para aterrizá-los, resultando seguro e tranquilo caminhar pelas ruas de qualquer cidade cubana. «Em troca, nos Estados Unidos impera a violência e morte porque as pessoas levam armas», asseverou.

Ela acrescentou: «Nós, ao voltar, dialogaremos acerca da experiência vivida aqui e recomendaremos visitar esta Ilha, não somente para interagir com pessoas solidárias e comunicativas, mas para que conheçam uma nação muito interessante por sua

cultura e sua forma de vida», exemplificou o dito com um percurso realizado pelos membros do grupo avançada a noite e sem que houvesse nenhum ato de violência.

Por outro lado, reafirmou que «temos muito que trabalhar para levar consciência respeito à guerra. Vivemos um momento de grande complexidade nos assuntos internos ainda por solucionar. Procuramos alianças com outros grupos progressistas, principalmente aqueles que lutam contra o assassinato de pessoas negras às mãos da polícia, com aqueles que se mobilizam contra as injustas políticas migratórias para tirar os imigrantes latinos e africanos, apoiamos os ecologistas e fazemos parte de muitos fronts para solucionar conflitos internos», assinalou Medea Benjamín.

Igualmente, indicou que nunca achou que após 50 anos de imposição da injusta política de bloqueio contra Cuba, continuaríamos batalhando por um tema considerado imoral e irracional pelos organismos internacionais como a ONU. «Só à grande oligarquia e aos grupos mafiosos de cubano-americanos lhes interessa manter essa lei. A atual presidência, para comprazer essas pessoas, fez recuar as relações diplomáticas bilaterais, mas não pôde estabelecer novas regulamentações porque chocam com a firme oposição do povo estadunidense, que rejeita essa hostilidade», expressou.

Também explicou que os resultados das sondagens feitas por prestigiosas instituições norte-americanas evidenciam que a imensa maioria quer ter relações normais com Cuba e deseja viajar livremente à Ilha caribenha. «Nosso dever é educar mais as pessoas para mostrar-lhes que o bloqueio persiste, com danos negativos para os cubanos e para os próprios estadunidenses», assinalou.

A jovem jornalista Eleonor Goldfield, que pela primeira vez nos visita deseja obter informação que possa divulgar nos ór-



Membros da delegação da organização Code Pink durante um encontro com representantes da mídia de Cuba.

gãos da mídia aos que tiver acesso. «A imprensa tradicional em meu país oculta e tergiversa a informação acerca de Cuba para incidir na opinião pública e a valorize como algo negativo».

Charlotte Guyot, 16 anos e estudante de ensino secundário conta que andando pelas ruas de Havana, à noite, um jovem se apresentou e a convidou para visitar um restaurante. «Nesse instante fiquei tremendo porque da infância me educaram para desconfiar das pessoas desconhecidas. Hoje, acho que esse conceito está equivocado porque sempre se deve confiar nas pessoas, até houver uma razão para desconfiar».

Ela alegou que a maioria de seus amigos desconhece acerca de Cuba e os aterrizam de alguma maneira para que não a visitem. Ela resolveu vir por sua própria vontade para conhecer e depois contar aos seus colegas da turma.

Assim o reconhece sua mãe, Jadie Sarda, quem disse sentir-se feliz porque sua filha tenha querido viajar como integrante do grupo de Code Pink. Ela arguiu: «A última vez que eu vim percebi os cubanos emocionados com a abertura diplomática com os Estados Unidos. Sou a favor das relações normais entre ambos os países e tenho que apelar ao resto dos estadunidenses para exigirem do governo que deve funcionar uma troca adequada sempre». •

Nuria Barbosa León
Fotos doadas pelo entrevistado

• O neurocirurgião cubano Norbery Jorge Rodríguez de La Paz presta ajuda médica à população danificada do estado mexicano de Oaxaca, prejudicada pelo sismo ocorrido em 7 de setembro último, no istmo de Tehuantepec, com mais de 300 mortos.

O doutor cubano trabalha no hospital de campanha situado no poliesportivo Chénita e integra o Contingente Internacional de Médicos Especializados em Situações de Desastres e Graves Epidemias, Henry Reeve que já se desempenhou em quase vinte países.

A brigada é composta por 40 médicos, enfermeiras, técnicos e pessoal de serviço, inclusive cozinheiros e trabalhadores de manutenção para o gerador de eletricidade. Todos eles moram em barracos e trabalham nas consultas a partir das 8h00 da manhã até que não haja pacientes para ver no dia. Igualmente recebem casos de urgência as 24 horas.

Com antecedência, em maio de 2015, Rodríguez de La Paz foi socorrer as vítimas causadas por um terremoto em Nepal, durante três meses, um trabalho muito difícil por causa da barreira idiomática. «Ali operamos tanto feridos deixados pelo desastre como doenças não tratadas nesse país, por carcer de profissionais dedicados a esta especialidade. O doutor Orestes López e eu operamos mais de 30 pacientes com patologias espinhais e cranianas», afirmou em entrevista exclusiva ao *Granma Internacional* via e-mail.

Ele trabalha em Havana no Instituto de Neurologia e Neurocirurgia e assinalou: «No caso do México, já diagnosticamos cinco tumores de hipófise, lesões malignas



O doutor Norbery Jorge Rodríguez de La Paz (à esquerda) no quirófano depois de fazer uma cirurgia complexa a um paciente mexicano.

na cabeça e outras traumáticas da coluna vertebral. Coordenamos com hospitais próximos para operar estes pacientes e solucionar seu padecimento».

Caracteriza as pessoas do lugar como humildes, pois carecem de meios de subsistência para sua sobrevivência; contudo, constantemente manifestam seu agradecimento perante a ajuda médica cubana.

Lembra a operação de um militar socorrista que chegou com fratura deprimida cranial. A presença da brigada médica evitou que o paciente fosse levado durante 13 horas à capital mexicana, com um alto perigo para sua vida, causada por uma infecção do sistema nervoso central. Esta cirurgia foi realizada com escassas ferramentas ao seu alcance e com limitados recursos técnicos.

Igualmente, operaram uma mulher com uma tumorção cística deformada. Os doutores supõem que por uns 30 anos esse câncer cresceu paulatinamente dentro da cabeça da paciente sem ter recebido

acompanhamento especializado profissional. Neste momento, a doente se encontra muito bem e seus familiares expressam agradecimento por tal façanha.

Apesar de que ainda ocorrem réplicas do sismo, para este singelo médico o mais difícil nestas missões internacionalistas é a separação da família, principalmente de seus filhos Diego e David, o primeiro de 14 anos e o segundo de três.

Em visita a seu lar em Havana a esposa Diana Fernández Calderón nos explica que seu esposo tem uma profissão o bastante difícil, sai muito cedo da casa e retorna tarde na noite, ao tempo que Diana se desempenha como assistente de direção da companhia de dança Litz Alfonso Dance-Cuba, com a qual deve assumir compromissos internacionais frequentemente. Portanto, os avós maternos se convertem nos pais substitutos: «Eu devo agradecer enormemente a meus pais que me ajudam em todo momento», afirmou.

«É muito difícil, — acrescentou — a saída de um membro da família porque aqueles que ficam em Cuba têm a preocupação pela pessoa ausente. Nós estamos acostumados à união familiar, os dois filhos provêm de diferentes mães, mas se amam com devoção. O mais novo adora brincar com seu irmão mais velho e sente muita saudade do pai. O bebê e o pai convertem as tarefas cotidianas como tomar banho, comer, dormir e passear em uma brincadeira».

Para Diana viver com um neurocirurgião é uma grande sacrifício mas, ao mesmo tempo, um orgulho porque cura doenças e salva vidas. «É muito reconfortante ver o carinho das pessoas a ele. Pacientes e familiares sempre estão prontos para cumprimentá-lo pelo Dia do Médico ou no Dia dos

Pais. Ligam para ele e felicitam-no em datas importantes», assinalou.

Diego afirma que estudará Medicina e deseja converter-se em um neurocirurgião, sabe do rigor da carreira e propõe-se obter bons resultados acadêmicos para cumprir seu sonho. Acerca disso expressou: «Meu pai é meu ídolo e minha fonte de inspiração para estudar, quero imitá-lo em sua profissão. Vi que as pessoas lhe professam muito carinho pelo trabalho que realiza. Eu gostaria também de estar em um lugar onde pudesse ajudar os outros e sentir que faço um trabalho importante».

O jovem acrescentou: «A partida de meu pai para o México, — disse — ocorreu no fim de setembro, não deu tempo para uma despedida e apenas nos ligamos por telefone. Conta-me que sente uma grande tristeza por ver a devastação causada pelo terremoto e de saber o número de mortes ocorridas. Eles moram em barracos levantados no terreno de um centro esportivo e sentem tremer a terra pelas réplicas do terremoto. Sofreram também ventos fortes que quase destruíram os barracos. Já bem cedo na manhã têm pacientes para ser atendidos e teve que realizar várias cirurgias complexas, sem condições ótimas».

Estes testemunhos lembram as palavras do líder histórico da Revolução Fidel Castro ao ficar constituído o Contingente Henry Reeve, em 19 de setembro de 2005: «Nossos conceitos sobre a condição humana de outros povos e o dever da irmandade e a solidariedade jamais foram nem serão traídos. Milhares de médicos e profissionais da saúde cubanos espalhados pelo mundo são testemunho irrefutável do que eu afirmo. Para eles não existirão jamais barreiras idiomáticas, sacrifício, perigos ou obstáculos». •